RAFAEL BUTTINI SALVIATO

TEXTO DE POSICIONAMENTO: ANÁLISE SETORIAL

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão da disciplina de Economia das Organizações, do Programa de Pós-Graduação em Economia, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná.

Professor: Prof. Dr. Ricardo Lobato Torre

CURITIBA

2023

**TEXTO DE POSICIONAMENTO: ANÁLISE SETORIAL**

Rafael Buttini Salviato

Em seu trabalho, Winter (1993) faz uma revisão teórica e crítica à corrente principal da teoria das firmas, apresentando alternativas contemporâneas que se posicionam como novos paradigmas dentro da teoria econômica. O seu trabalho faz parte de um compêndio feito em memória do professor Robert H. Coase, cuja contribuição para o campo da teoria das firmas lhe rendeu o Prêmio de Ciências Econômicas do Banco da Suécia em Memória de Alfred Nobel (mais conhecido apenas como Prêmio Nobel de Economia) em 1991. Robert Coase sustenta a afirmação de que as firmas existem para economizar custos relacionados à coordenação, execução e realização de atividades econômicas que envolvem dois ou mais agentes econômicos (i.e: custos de transação). Já o autor do artigo, afirma que além de economizar com os custos de transação, as firmas existem para acumular competências e maximizar sua eficiência com relação ao uso de seus recursos. Ele começa a falar sobre o paradigma da microeconomia tradicional, que o próprio autor denomina ortodoxa. E então, o autor atesta: na literatura ortodoxa, as firmas são definidas pelas transformações tecnológicas que elas fazem. São agentes racionais, que buscam maximizar lucro e que não apresentam problemas relevantes no que diz respeito às transações com fornecedores, clientes, prestadores de serviços entre outros. Dito isso, Winter (1993) expõe suas críticas à teoria da firma elaborada pela literatura ortodoxa: conflito com o individualismo metodológico (i.e: uma empresa é formada por indivíduos que eventualmente apresentam interesses conflitantes, logo uma firma não pode ser considerada um indivíduo), falha em explicar a organização da atividade econômica (i.e: não é suficiente para explicar o *trade off*  entre integração vertical e transação), falta de realismo em seus pressupostos (i.e: não investiga o comportamento interno de uma firma, tampouco o resultado do seu comportamento de forma agregada) e tratamento simplista para com o seu objeto de estudo (i.e: a ortodoxia falha em não explicar de forma satisfatória como as firmas geram inovação organizacional e tecnológica). O autor também apresenta, um outro paradigma ortodoxo que faz contraponto a literatura ortodoxa: o “working paper orthodoxy”, menos focado na produção e mais focado nas transações de mercado. No que diz respeito aos paradigmas contemporâneos na teoria da firma, Winter (1993) menciona que existe uma comunidade de pesquisadores que se debruçam para entender ou promover adaptações e melhorias à teoria da firma proposta pela literatura ortodoxa. Dentre estes novos paradigmas, o autor menciona a economia dos custos de transação e a economia evolucionária, onde esta última foca no uso da biologia evolucionária para explicar os padrões de mercado, as decisões erradas e decisões acertadas que são tomadas pelos agentes econômicos bem como os seus desdobramentos em mercados específicos. Com isso, o autor elabora um quadro para expor a relação dos quatro paradigmas supracitados com base no seu foco principal (produção ou troca) e racionalidade da firma (coletiva ou individual): com foco principal em produção e a racionalidade da firma vista como individual temos a literatura ortodoxa, com foco principal nas trocas e a racionalidade da firma vista como individual temos a “working paper othodoxy”, com foco principal na produção e racionalidade da firma vista como coletiva temos a economia evolucionária, e com foco principal nas trocas e racionalidade da firma vista como coletiva temos a economia dos custos de transação. Por fim, o autor compara a economia evolucionária com a economia dos custos de transação, pontuando que a economia evolucionária teve mais êxito em explicar o surgimento de novas firmas e desenvolvimento tecnológico, e a economia dos custos de transação teve mais êxito em explicar a estrutura organizacional das firmas. Com relação à apresentação que será realizada em sala de aula, vai ser interessante ver como que será exposto a comparação entre os paradigmas que Winter (1993) apresentou em seu trabalho, e também responder o óbvio: se já temos a economia evolucionária e a economia dos custos de transação, por que que ainda vemos o paradigma da economia ortodoxa nas grades curriculares do curso de economia? O que falta para este paradigma ser designado à história econômica tal como a fisiocracia? O arcabouço teórico da microeconomia tal como é ensinado nos cursos de graduação (pelo menos no Brasil) manifesta todos os pontos levantados pelas críticas feitas por Winter (1993). Será que, para entender os paradigmas contemporâneos ainda se faz necessário apresentá-los como sendo um contraponto ao paradigma anterior? Até quando isso? Me faz pensar nos cursos de Física onde a mecânica clássica é ainda lecionada, e não apenas a teoria da relatividade. Ou, na estatística, em que o paradigma da inferência estatística frequentista ainda domina a carga horária de vários cursos de graduação, em detrimento dos paradigmas da inferência pela função de verossimilhança ou inferência bayesiana. Outro ponto, que vale a pena o destaque, é aprofundar-se na teoria da economia evolucionária: existem casos de evidências empíricas que confirmam tal teoria? Se sim, como ela conversa com os outros paradigmas? Essa interdisciplinaridade com a biologia evolucionária também se estende para os grandes agregados econômicos (i.e: macroeconomia) para explicar questões relacionadas ao desenvolvimento socioeconômico de um país?

**REFERÊNCIAS**

WINTER, S. On Coase, competence, and the corporation. In: WILLIAMSON, O. E.; WINTER, S. (eds.). **The nature of the firm: origins, evolution, and development.** Oxford: Oxford University, 1993